

## Artesãos de Sorocaba resistem à época em que as imagens davam significado ao silêncio

Daniela Jacinto  
Fotos: Bruno Cecim



A Wikipedia define bem o tema desta reportagem: arte tumular ou arte funerária é um termo usado para designar obras feitas para permanecerem em cima das sepulturas nos cemitérios e igrejas. É uma forma de representação que está ligada a determinado contexto histórico, ideológico, social e econômico, interpretando a vida e a morte. Essa interpretação pode ser feita através de um conjunto de símbolos ou de uma obra narrativa, utilizando-se materiais variados como o mármore, o granito, o ferro fundido e o bronze. A arte tumular atingiu seu apogeu nos séculos XVIII e XIX, sendo hoje menos utilizada em virtude do avanço do cemitério-jardim.

Talvez muita gente não saiba, mas grande parte das obras que resistem ao tempo nos cemitérios tradicionais é assinada por importantes artistas, como Victor Brecheret, cujo trabalho pode ser visto no Cemitério da Consolação, em São Paulo. O que antes exigia grande demanda, a encomenda de esculturas para túmulos hoje é praticamente inexistente, pelo menos em Sorocaba. O que se pode dizer é que aqui na cidade alguns artesãos que entalham placas e reproduções de livros em mármore (com nome, datas de nascimento e morte) ainda resistem à época em que as imagens davam significado ao silêncio.

Nelson de Camargo afirma que hoje em dia poucas pessoas procuram as placas de mármore. Perdemos espaço para o bronze, que a turma rouba tudo, mas mesmo assim as pessoas querem, diz, sem entender.

O trabalho de Nelson, que é artesanal, ainda tem de enfrentar a concorrência de empresas que fazem o serviço com a ajuda do computador. A letra fica bonita quando feita no computador, mas é rasa, não é profunda como a gente faz, diferencia.

Com o auxílio de uma talhadeira e ferro, Nelson escreve as palavras. Prefiro usar o mármore de Carrara, para mim é o melhor que tem. Faço placa e também livro, com os dizeres que a pessoa quiser.

**Nelson de Camargo afirma que hoje em dia poucas pessoas procuram as placas de mármore.**



Atualmente com 65 anos de idade, Nelson afirma que faz 50 que trabalha no cemitério. Começou como servente de pedreiro, ajudando seu pai, até o dia que resolveu fazer entalhe em mármore. Eu tinha uns 23 anos e na época ganhei muito dinheiro, conta.

Agora, Nelson não sabe dizer por que as pessoas não procuram mais. Pagam R\$ 90, R\$ 100 numa placa de alumínio porque acham que mármore estraga, mas isso só acontece porque as pessoas largam, teria de fazer manutenção, lavar de vez em quando. Também não pode passar ácido porque corrói o mármore, diz, fazendo questão de acrescentar que também faz letras em alto relevo. Eu queria fazer para uma pessoa muito querida, mas não dá coragem..., se emociona.

Nelson gostaria de homenagear Fernando, seu único filho, que faleceu há apenas um ano, por problemas renais. Ele tinha 28 anos, era seu companheiro, e juntos gostavam de jogar bocha. Era um cara legal pra caramba. Lá no cemitério de Votorantim não vai ter uma outra pedra igual aquela, silencia por um tempo, depois agradece pela oportunidade de ter conhecido Fernando.

O artesão lembra que a vantagem da placa de mármore é que ninguém rouba: Não tem o que fazer porque depois de escrita não dá pra ser aproveitada. O preço de Nelson varia de R\$ 70 a R\$ 800, dependendo do tamanho das placas e da quantidade de letras.



**Trabalho de Carlos Miguel Rando no Cemitério da Consolação**

### **Desenhos para enfeitar os túmulos**

O entalhe em mármore é uma arte quase extinta, afirma Carlos Miguel Rando, 49 anos. Ele, que nasceu em uma família ligada à arte (é sobrinho do premiado artista plástico sorocabano Zezé Corrêa, falecido em 1998), afirma que produz desde a infância. Especificamente para o cemitério, faz trabalhos há 15 anos. Além de entalhar letras em placas e livros de mármore, Rando faz desenhos para enfeitar os túmulos.

Ele, que é funcionário do cemitério, afirma que realiza esse serviço nas horas vagas porque não dá para sobreviver desse tipo de trabalho. Essa é uma arte greco-romana. Não dá para ganhar dinheiro com ela porque ficou ultrapassada desde que vieram as placas de bronze. E hoje também tem máquinas que fazem isso, não é mais procurado o trabalho manual. É a tecnologia..., observa.

Assim como Nelson, Rando faz sua arte em baixo e alto relevo. O que nos salva é que o bronze está sendo muito roubado e o mármore tem durabilidade imensa, defende.

Às vezes, o simples entalhe de uma flor na placa de mármore, o desenho de um passarinho ou a figura de Jesus Cristo em uma peça já dão diferença e um toque a mais de sensibilidade na homenagem ao ente querido. A gravação é para sempre e eu tenho carinho em fazer. Faço qualquer tipo de desenho, diz Rando.

O artesão explica que faz esses trabalhos em túmulos para investir o dinheiro em sua arte, que é o que realmente gosta de fazer. Entalho vasos e faço quadros na ardósia. Não digo que tenha alguém que faça esse trabalho que eu faço na ardósia, pelo menos não conheço ninguém.

Sobre o preço, Rando afirma que varia, que não cobra pelas peças ou quantidade de letras e sim pelo trabalho e tudo vai depender do que a pessoa quiser.

Conforme ele, não é possível encontrar em Sorocaba profissionais que façam esculturas ou pinturas em azulejos para os túmulos. Várias esculturas do cemitério da Saudade vieram de Carrara, na Itália. Os artistas faziam nas próprias minas, diz.

Já no cemitério da Consolação, a grande maioria dos quadros feitos em azulejo, geralmente retratando Cristo, Nossa Senhora, São Francisco, entre outros, é assinada por Odette Niscolo Moral, artista plástica de São Paulo especializada nessa área.

### **"No grande teatro do mundo, todos temos a hora do palco e a hora do esquecimento"**

Em um cemitério, tudo é símbolo. A vida que se foi dá lugar a representações. O pesquisador José Rubens Incao, que estudou sobre o assunto, lembra que houve uma época que a morte era encarada como um processo natural da vida e merecia respeito. Havia todo um ritual para ela: as pessoas velavam os corpos na casa, havia a preocupação com as imagens a serem colocadas nos túmulos, os epitáfios, o tipo de flor, e a preservação do túmulo. A escolha das obras para ornamentar as sepulturas variavam de acordo com as crenças das famílias e era uma forma de conforto. Com o passar dos anos, a morte distanciou-se do contexto comportamental dos vivos, que parece lutarem para negá-la até o último momento possível. Agora, depois que a pessoa é sepultada, tem família que nem vai mais ao cemitério, observa.

Por falar em cemitério, a origem dessa palavra vem do grego koimétêrion, que significa lugar para dormir, dormitório, local de repouso. Com o tempo, é que seu significado foi assumindo um caráter limitado: lugar dos mortos, da morte, deixando de lado sua etimologia, que de certa forma era menos triste. José Rubens cita um pensamento que reproduz o modo como as pessoas passaram a encarar a morte: No grande teatro do mundo, todos temos a hora do palco e a hora do esquecimento.

Apesar das transformações no modo de encarar a morte, os cemitérios continuam espalhados por todas as cidades, ostentando História e histórias. Pela importância das obras nos cemitérios (e, claro, principalmente pelos famosos que ali estão), diversos países incluíram em seu roteiro turístico passeios por esses locais, que contam inclusive com mapas e guias especializados. O Brasil começou recentemente a promover visitas guiadas em cemitérios. Em Sorocaba, esse trabalho é feito por meio de parceria entre a Prefeitura, através de sua Secretaria da Cultura, Biblioteca Infantil Municipal e Museu Histórico Sorocabano.

O guia é o próprio José Rubens Incao, diretor da Biblioteca Infantil, que conduz o público ao universo dos costumes da comunidade sorocabana.

Ainda é incipiente a pesquisa e valorização dos cemitérios brasileiros enquanto patrimônio a ser estudado e conservado. Já existe bibliografia respeitável, pesquisadores e núcleos de estudos se organizando em universidades e grandes centros. Já é um começo. Na Europa, EUA, Colômbia e Argentina, os cemitérios fazem parte de roteiros turísticos e culturais, conquistando respeito e, principalmente, estudos e preservação, registrou José Rubens na apostila que distribui ao público que participa do passeio monitorado. “Espero que as pessoas tenham consciência de preservar esses espaços enquanto patrimônio, não só da família, mas da história da cidade. Afinal, é sempre bom lembrar que um cemitério reflete a história, é um reflexo do mundo dos vivos”, acrescenta.



**Esta Capela, em arte-dêco, mostra a crença do túmulo como sendo a última morada, por isso as pessoas faziam como suas casas ou como igrejas, pois poderia ser uma garantia de salvação da alma.**

## **Simbologias**

As imagens escolhidas para ornamentar as sepulturas e o tipo de construção constituem manifestações da arte tumular. Confira, nesta página, o registro de algumas obras encontradas no cemitério da Saudade, em Sorocaba, e uma breve análise de sua simbologia explicada por José Rubens.

## **Serviço**

Os contatos de Nelson de Camargo: (15) 3211-8283 e 9113-1805. Para falar com Carlos Miguel Rando, os telefones são 3226-5058 e 9165-5568. Já para as pinturas em azulejo de Odette Niscolo Moral o telefone é (11) 5571-4477. Interessados em fazer o passeio pelo cemitério podem entrar em contato com José Rubens Incao pelo telefone (15) 3231-5723, na Biblioteca Infantil. O passeio é uma realização da Prefeitura de Sorocaba através da Secretaria da Cultura, Biblioteca Infantil Municipal e Museu Histórico Sorocabano.



**Nesta sepultura, o olhar se volta para a papoula, a flor do sono, que é associada ao repouso da alma.**



**Anjo do Apocalipse porta uma trombeta e indica um caminho: o céu. No cemitério da Saudade há uma variedade de anjos e respectivas simbologias.**

Publicado em 12/06/2010/sábado  
Sorocaba – Interior de São Paulo

**Fonte:**

<http://www.cruzeirosul.inf.br/materia.php?editoria=42&id=305895>